

Ênclise e próclise na coordenação*

Gabriela Matos

mgabrielamatos@yahoo.co.uk

Madalena Colaço

mmcolaco@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Centro de Linguística da
Universidade de Lisboa (Portugal)*

ABSTRACT: In European Portuguese the unmarked pattern of clitic placement in finite sentences is enclisis, proclisis occurring under the local scope of specific items, namely overt CPs or items with negative, quantificational and focus content. In this study we will propose an analysis of proclisis in sentence coordination, an issue that only recently has received some attention in the field (Martins 2013, Matos & Colaço 2013). We will claim that proclisis in coordination may be induced either by the features of some single and correlative conjunctions, or by the discourse value of some correlative coordinate structures. Proclisis in coordination may also occur with a conjunction that is not a proclisis inducer, if this one is itself under the scope of a proclisis trigger. This fact suggests that there are contexts of long-distance proclisis in European Portuguese. However, we will show that all these cases may be subsumed under local proclisis, taking into account the properties of Conj as an underspecified category that, by Agree, shares the categorial nature of its specifier. The optionality of proclisis in long-distance contexts may also be explained. In fact, this optionality is only apparent and is an effect of the sentential level involved in coordination.

KEY-WORDS: coordination, enclisis, proclisis, long-distance proclisis, correlative coordination, European Portuguese

RESUMO: Em Português europeu, o padrão neutro de colocação de clíticos em frases finitas é a ênclise, ocorrendo a próclise sob escopo local de itens específicos, nomeadamente CPs realizados ou itens com conteúdo negativo, quantificacional ou de foco. Neste estudo, proporemos uma análise da próclise em estruturas de coordenação oracional, um tópico que apenas recentemente recebeu alguma atenção (Martins 2013, Matos & Colaço 2013). Proporemos que a próclise na coordenação pode ser induzida ou pelos traços de algumas conjunções simples ou correlativas, ou pelo valor discursivo de algumas estruturas de coordenação correlativa. A próclise na coordenação pode também ocorrer com uma conjunção coordenativa não proclisadora, se esta estiver sob o escopo de um proclisador. Este facto sugere a existência de contextos de próclise a longa distância em Português europeu. No entanto, mostraremos que esses casos podem integrar-se no

* Agradecemos os comentários e as sugestões dos revisores, que nos permitiram refletir melhor sobre algumas questões e explicitar de forma mais clara a nossa análise. Agradecemos também aos nossos informantes, que nos permitiram ter uma maior segurança relativamente aos dados.

fenómeno de próclise local, tendo em conta as propriedades de Conj enquanto categoria subespecificada que, por Agree, partilha a natureza categorial do seu especificador. A opcionalidade da próclise em contextos de longa distância pode também ser explicada. Na verdade, esta opcionalidade é apenas aparente, sendo um efeito do nível oracional envolvido na coordenação.

PALAVRAS-CHAVE: coordenação, ênclise, próclise, próclise a longa distância, coordenação correlativa, Português europeu

1. Introdução

O Português europeu (PE) e o Galego diferem das restantes línguas românicas pelo facto de a ênclise ser o padrão não marcado da colocação dos clíticos em domínios oracionais finitos (Duarte & Matos 1995, 2000, Martins 2013, Uriagereka 1995, e.o.):

- (1) a. Ela *viu-os*. (PE)
- b. Xan Rodriguez *veuno*. (Galego)

As análises clássicas de colocação dos clíticos nestas línguas incluem, normalmente, os complementadores conjuncionais realizados no elenco dos desencadeadores de próclise (2)¹, mas excluem as conjunções coordenativas.

- (2) a. Ele disse *que* a Maria *a achou* pálida.
- b. Ela telefona, *se tu lhe pedires*.
- (3) Ele está em casa, *porque* ela *viu-o* na sala.

No entanto, foi já mostrado em alguns trabalhos (e.g. Cunha & Cintra 1984, Matos 2004, 2006, Martins 2013, Matos & Colaço 2013) que a próclise pode também ocorrer sob o escopo de uma conjunção coordenativa, mesmo na ausência de um proclisador realizado distinto, como está ilustrado em (4):

- (4) Das duas uma: *ou* *as* faz ela *ou* *as* faço eu. (Cunha & Cintra 1984)

Partindo de trabalhos anteriores, em que se descrevem os contextos de ocorrência da próclise e da ênclise na coordenação (Martins 2013, Matos

¹ O exemplo em (i), de Uriagereka (1995), ilustra a ocorrência de próclise no contexto de um complementador conjuncional em Galego:

(i) Quero *que* o oiades.

& Colaço 2013²), proporemos uma análise que dê conta dos padrões de colocação dos clíticos na coordenação no âmbito do modelo atual da Teoria de Princípios e Parâmetros. Mostraremos que a distribuição da próclise nas orações coordenadas decorre da interação das propriedades inerentes do núcleo funcional Conj com os traços semânticos das conjunções coordenativas selecionadas do Léxico ou o valor discursivo da estrutura coordenada. Na sequência da análise efetuada, mostraremos que a próclise na coordenação resulta dos mesmos fatores semânticos e discursivos que determinam a sua ocorrência nos restantes domínios oracionais³.

Este artigo tem a seguinte estrutura: na secção 2, procederemos à revisão dos diferentes tipos de proclisadores em PE em frases raiz e subordinadas, sem considerar a coordenação; na secção 3, descreveremos a distribuição dos clíticos na coordenação, relacionando a próclise com o conteúdo semântico das conjunções ou com os valores discursivos da estrutura coordenada; nas secções 4 a 6, proporemos uma análise dos padrões dos clíticos na coordenação: na secção 4, procederemos a uma análise estrutural da próclise na coordenação na presença de um indutor de próclise local; na secção 5, trataremos os casos de aparente próclise a longa distância em orações coordenadas; na secção 6, daremos conta da opcionalidade da próclise em contextos de longa distância. Finalmente, na secção 7, apresentaremos algumas conclusões.

2. Próclise em frases raiz e subordinadas em Português europeu

Em PE, a próclise é desencadeada pela presença de elementos específicos⁴, nomeadamente complementadores realizados (5), constituintes *wh* (6),

² Martins (2013) apresenta uma descrição dos padrões de ordem dos clíticos em PE em frases simples e complexas. Focando-se exclusivamente na coordenação, Matos & Colaço (2013) identificaram independentemente padrões semelhantes em orações coordenadas. Estes dois estudos têm diferentes objetivos: em Martins (2013), pretendeu-se uma descrição exaustiva de todos os contextos de ocorrência de próclise, ênclise e mesóclise em PE. Numa perspetiva diferente, Matos & Colaço (2013) esboçaram uma primeira análise para dar conta da próclise e da ênclise na coordenação no âmbito do quadro teórico do Programa Minimalista.

³ Um revisor considera que a pesquisa sobre a distribuição de próclise em coordenação fica esvaziada de sentido se não considerarmos que a coordenação é um contexto de ênclise. Esta posição parece-nos excessivamente restritiva, dado que a ênclise é o padrão geral de colocação dos clíticos em Português europeu tanto em frases coordenadas, como nas frases raiz, como em subordinadas não-finitas e ocorre inclusivamente em algumas subordinadas finitas. Em suma, ênclise surge sempre que os feixes de traços dos elementos do Léxico que instanciam Conj(unção) ou o domínio C(omplementador) não apresentam propriedades proclisadoras, ou não existem constituintes indutores de próclise independentes com escopo local sobre o clítico e o seu hospedeiro. Abordaremos pormenorizadamente esta questão nas secções 3 e 4 e 5.

⁴ O mesmo acontece em Galego (Uriagereka 1995), Grego Cipriota (Terzi 1999) e Berber (Schlonsky 2004).

negação (7), expressões quantificadas (8), elementos focalizadores realizados (9), alguns advérbios modais e aspetuais (10) e foco contrastivo (11):

- (5) a. Ela telefona se tu *lhe* pedires.
b. Ela pediu *para lhe* telefonar.
- (6) a. *O que lhe* compraste?
b. A Maria perguntou a *quem o* ofereceste?
- (7) a. A Ana *não lhe* telefonou.
b. *Ninguém nos* telefonou.
- (8) a. *Todos os alunos nos* cumprimentaram.
b. *Qualquer cliente o* compra com satisfação.
- (9) *Só ontem te vi*.
- (10) a. Talvez eu *lhe dê* um livro.
b. A Ana *ainda nos* telefona todos os dias.
- (11) a. Isso *lhe* diria eu, se pudesse!
b. A GRANDE NOTÍCIA *te* dou eu agora. (Cunha & Cintra 1984)

A próclise obedece a certas restrições estruturais. Como primeiro requisito, o proclisador tem de preceder e c-comandar o clítico (Duarte 1983, Duarte & Matos 2000, Duarte et al. 2005), como é mostrado no contraste entre (12a) e (12b), (12c):

- (12) a. *Todos os alunos nos* cumprimentaram.
b. Cumprimentaram-*nos todos os alunos*.
c. [Os pais de [*todos os miúdos*]] acompanharam-*nos* à festa.

Adicionalmente, o proclisador tem de ter escopo local estrito sobre o clítico e o seu hospedeiro (veja-se (13) vs.(14)):

- (13) [_{CP} *Ninguém* prometeu [_{CP} levá-*lo* ao cinema]]
- (14) * *Ninguém* prometeu [_{CP}o levar ao cinema]

Os exemplos (13) e (14) exibem dois domínios oracionais completos: a frase raiz com o verbo *prometer* e o CP selecionado pelo verbo; tal como esperado, o clítico ocorre em ênclise ao verbo do CP encaixado, visto que, neste domínio, não existe nenhum proclisador.

3. Ênclise e próclise na coordenação

Em muitos estudos sobre o PE ou se ignora a questão da colocação dos clíticos na coordenação ou se assume que ocorrem em ênclise (e.g. Lobo 2002, 2003). No entanto, os dados mostram que não é a construção de coordenação que determina a ênclise ou a próclise (cf. Martins 2013 e Matos & Colaço 2013), mas as propriedades do núcleo funcional Conj(unção) e das conjunções que o ocupam. Este facto é esperado, uma vez que as construções são entidades pré-teóricas, cujas características decorrem das unidades que as compõem e da forma como se organizam estruturalmente. No entanto, de um ponto de vista estrutural, as estruturas de coordenação não divergem das de subordinação: ambas são analisadas em termos das configurações de Especificador-Núcleo-Complemento (e.g. coordenação integrada e subordinação completiva) e de Adjunção (e.g. coordenação parentética e subordinação adverbial).⁵ São os traços dos itens que efetivamente instanciam os núcleos funcionais Conj e C(omplementador) que determinam a presença de ênclise ou próclise nos domínios frásicos que introduzem. Deste modo, consoante os traços inerentes das conjunções ou locuções conjuncionais concretamente selecionadas, ocorrerá ênclise ou próclise nas frases coordenadas: *mas*, *e* e *ou* não induzem próclise⁶ (15); *nem*, *tanto...como*, *não só...como*, *não só... mas também* desencadeiam próclise no domínio frásico sobre o qual têm escopo (cf. (16), (17) e (18)); por sua vez, as conjunções correlativas *ou...ou* e *ora...ora* admitem próclise ou ênclise (19)⁷:

⁵ Recorde-se que há autores que, na esteira de Kayne 1994, procuram reconduzir todas as estruturas a configurações de Especificador-Núcleo-Complemento.

⁶ Note-se, no entanto, que um dos revisores nos chamou a atenção para a possível aceitabilidade de frases como *O João viu a Maria na universidade ou o Pedro te disse que a viu lá?*, em que a próclise ocorre na frase matriz do segundo termo coordenado iniciado pela conjunção singular *ou*. Esta possibilidade não existe na nossa gramática nem na dos informantes que consultámos, razão pela qual não a consideraremos neste trabalho.

⁷ Também na subordinação, a projeção de C(omplementador), em si mesma, não garante a presença de próclise. Consoante seja ou não ocupada por elementos proclisadores, ocorre próclise ou ênclise. Assim, nas frases subordinadas de (5), *se* e *para* induzem próclise, contrariamente ao complementador nulo da oração subordinada em (13). O contraste entre (5b) e o exemplo seguinte mostra ainda que o complementador *para* admite tanto próclise como ênclise:

(i) Ela pediu *para* telefonar-lhe.

Note-se que em (i) como em (5b), *para* ocupa a posição de complementador e não pode ser interpretado como uma preposição, uma vez que a subordinada funciona como objeto direto e não como um complemento oblíquo (cf. (ii) e, consequentemente, alterna com frases finitas iniciadas pelo complementador *que* (cf. (iii)):

(ii) Ela pediu isso (#Ela pediu para isso).

(iii) Ela pediu que lhe telefonasse (*Ela pediu para que lhe telefonasse).

- (15) a. O rapaz olhou para a rapariga e/mas achou-a antipática.
b. O João viu a Maria na universidade ou encontrou-a no Metro.
- (16) O rapaz não viu a rapariga {nem a cumprimentou /*nem cumprimentou-a.}
- (17) O cão *tanto* brinca com os vizinhos *como* {os ataca/*ataca-os}.
- (18) Ele não só compra livros como {os lê/*lê-os}.
- (19) a. A Ana *ou/ora* os visita *ou/ora* lhes telefona.
b. A Ana *ou/ora* visita-os *ou/ora* telefona-lhes.

A alternância entre próclise e ênclise sob o escopo das conjunções correlativas disjuntivas *ou...ou* e *ora...ora* não é arbitrária: a presença de próclise está associada a contraste enfático entre os termos coordenados (marcado em (20) e (21) pelas maiúsculas nas conjunções correlativas), como mostra a marginalidade de ênclise em (20b). Uma vez que na coordenação disjuntiva correlativa, o valor exclusivo está estreitamente associado a um valor de contraste exaustivo dos termos coordenados, admitimos que é a associação desse valor com a focalização que determina o estatuto proclizador da expressão coordenativa correlativa distributiva⁸:

- (20) a. Das duas uma: *OU* as faz ela *OU* as faço eu.
b. */?Das duas uma: *OU* fá-las ela *OU* faço-as eu.
- (21) a. A Ana *ORA* os visita *ORA* lhes telefona.
b. ??A Ana *ORA* visita-os *ORA* telefona-lhes.

Assim, as conjunções e locuções conjuncionais que desencadeiam próclise em frases coordenadas apresentam os seguintes valores:

- (22) (i) Negação (veja-se a conjunção negativa *nem* em (16)).
(ii) Quantificação (veja-se a expressão quantificacional distributiva *tanto...como* em (17))⁹.
(iii) Marcação de focalização (veja-se a expressão correlativa *não só...como* em (18)).

⁸ Sánchez Lopes (1999) admite que o valor exclusivo dos coordenadores correlativos *ou...ou* legitima interpretações distributivas, e aproxima a coordenação correlativa distributiva dos quantificadores distributivos. No que diz respeito à colocação dos clíticos sob o escopo de *ou...ou*, *ora...ora*, consideramos que o valor quantificacional distributivo só determina a próclise quando é intensificado pela focalização.

⁹ O correlativo *tanto... como* apresenta um valor distributivo. Sánchez López (1995, 1999) aproxima-o, em espanhol, dos quantificadores distributivos.

- (iv) Focalização contrastiva (vejam-se as expressões disjuntivas exclusivas *ou...ou, ora...ora* em (20) e (21))¹⁰.

Os casos até agora analisados mostram os coordenadores que determinam inerentemente próclise na coordenação, que exibem valores semânticos e discursivos semelhantes aos proclisadores que ocorrem nos restantes domínios frásicos, em especial nas frases raiz. Este facto aponta para a possibilidade de uma análise unificada da próclise em todos os domínios oracionais em PE, questão que sai do alcance do presente artigo.

No entanto, num aspeto a coordenação apresenta um comportamento específico, que a distingue nomeadamente da subordinação. Como os exemplos seguintes mostram, sob o escopo local das conjunções *e, ou* e *mas*, que caracteristicamente não incluem traços proclisadores, a próclise pode ocorrer desencadeada por um elemento exterior ao termo coordenado introduzido pela conjunção.

- (24) a. O Pedro disse *que* o João olhou para a Maria e a achou pálida.
b. O Pedro desconhecia *se* ela saíra *mas lhe* telefonaria à hora do jantar.

Este facto sugere que há contextos de próclise a longa distância em PE e que as conjunções coordenativas são transparentes relativamente a elementos externos que tenham escopo sobre elas. Com efeito, as propriedades de Conj tornam a coordenação suscetível de manifestar proclinação quando estão associados indutores de próclise exteriores à estrutura coordenada. Com efeito, Conj é um núcleo funcional que projeta uma configuração Especificador-Núcleo-Complemento (Kayne 1994), mas é subespecificado categorialmente. Os seus traços categoriais são validados por *Agree* pelos traços categoriais de um dos termos coordenados que seleciona (Matos 1995), nomeadamente o especificador (Matos 1997, Colaço 1998, 2005, Johannessen 1998), como é mostrado em (24):

¹⁰ Um dos revisores, com base num exemplo em que o foco contrastivo incide sobre um sujeito pré-verbal, afirma que o foco contrastivo não determina a próclise (*O JOÃO viu-a, não foi a Ana*). Independentemente da aceitabilidade que atribuirmos ao exemplo dado, consideramos que a focalização contrastiva pode determinar próclise nos casos em que o elemento focalizado é a própria conjunção: o núcleo da coordenação disjuntiva exclusiva. Note-se que em (20a) o sujeito ocorre como foco informacional em posição pós-verbal e em (20b) é externo à estrutura coordenada, i.e. ao constituinte focalizado. Assim, aproximamos os casos de (20a) com os de focalização contrastiva em (11), ainda que não os identifiquemos, visto que nos últimos exibem foco contrastivo com um argumento ou adjunto do verbo anteposto, e os exemplos em (20a) e (21a), apresentam focalização da conjunção correlativa que introduz cada um dos termos coordenados.

(24) [Conj (P) = X(P) X(P) [[Conj = X] Y(P)]

Em (24), X(P) é o especificador de Conj e Y(P) é o seu complemento, assumindo a *Bare Phrase Structure Hypothesis* de Chomsky (1995), de acordo com a qual as projeções máximas e as mínimas não são distintas e o seu estatuto funcional depende das posições que ocupam na estrutura sintagmática. Assim, Conj comporta-se como um núcleo transcategorial (Colaço 2005) que pode coordenar qualquer categoria sintática, como está ilustrado em (25), para CP, TP e NP:

- (25) a. Ela não disse [_{CP} que fazia o bolo] nem [_{CP} que o comprava]
 b. Acho [que [_{TP} Ele bebeu uma cerveja] e [_{TP} comeu uma fatia de bolo]].
 c. [[_{DP} O João] e [_{DP} a Maria]] telefonaram.

A subespecificação de Conj e a sua capacidade de integrar os traços dos membros coordenados que articula está na base da análise a que procederemos na próxima secção e é fundamental para compreendermos o que designámos como próclise a longa distância (cf. secção 5).

4. Próclise induzida por uma conjunção coordenativa simples ou correlativa

Como afirmámos anteriormente, devido ao seu conteúdo semântico, uma conjunção coordenativa simples pode atuar como proclisador local no domínio oracional que c-comanda localmente. Esta possibilidade é ilustrada por *nem*, que tem um conteúdo intrinsecamente negativo, (26b):

- (26) a. Ele não comprou o livro *nem* ela o requisitou.
 b. [_{Conj(P)=T(P)} [_{TP} ele não comprou o livro] [_{Conj(P)} [_{Conj=T} *nem* [+neg]] ela o requisitou]]

Da mesma forma, as expressões correlativas com traços focalizadores são proclisadores no termo coordenado que está sob seu escopo local:

- (27) Ele *não só* compra livros *como (também)* os lê.

Assumindo que, em *não só...como*, o primeiro elemento da expressão correlativa ocorre em adjunção ao primeiro termo coordenado¹¹, (27) será representado como em (28):

¹¹ A posição ocupada pelo primeiro membro coordenativo de uma estrutura correlativa tem sido alvo de análises alternativas. Esse marcador de coordenação inicial poderá encabeçar ou toda a estrutura de coordenação, como em (i), ou ser inserido em adjunção ao primeiro termo coordenado, como em (ii).

(28) Ele [_{Conj(P)–T(P)} [_{T(P)} não_só [compra livros]] [_{Conj(P)} [_{Conj–T} como [+ foc]] [os lê]]]

Finalmente, a coordenação correlativa que não envolve conjunções coordenativas proclisadoras, mas que integra conjunções *ou...ou*, *ora...ora* em construções com valor enfático, pode ser caracterizada como uma estrutura de foco contrastivo:

(29) a. *Das duas uma: ou as faz ela ou as faço eu.*
 b. *A Ana ora os visita ora lhes telefona.*

Assumimos que, nestas frases, a coordenação opera no nível da projeção de foco pré-verbal FocP, envolvida no foco contrastivo em línguas como o PE (veja-se a representação simplificada em (30), para o exemplo (29a)):

(30) ... [_{Conj(P)–Foc(P)} [_{Foc(P)} [_{Foc} OU] [_{TP} as faz ela] [_{Foc(P)} [_{Conj–Foc} OU] [_{TP} as faço eu]]]]

Em (30), o primeiro elemento da expressão correlativa, *ou*, é inserido por *Merge* no núcleo Foc, induzindo a próclise no primeiro termo coordenado. *Agree* opera e o núcleo Conj, instanciado pelo segundo elemento da conjunção correlativa, *ou*, torna-se categorialmente não distinto de Foc. Nestas circunstâncias, Conj induz a próclise no segundo termo coordenado.¹²

Note-se que não se está a dizer que todas as coordenações com conjunções disjuntivas coordenativas exibem *Focalização contrastiva*¹³, como aliás está patente nos dados em (19), que exibem alternância entre próclise e ênclise. Quando o locutor não tem a intenção de focalização os termos correlativos disjuntivos, o marcador de início de coordenação (*ou*, *ora*) ocorre associado a outras projeções *funcionais frásicas*.¹⁴

(i) [_{Conj(P)–X(P)} [_{Conj(X)} CORRELATO [_{Conj(P)–X(P)} CONJ] XP]]
 (ii) [_{Conj(P)–X(P)} [X(P)CORRELATOXP] [_{Conj(P)–X(P)} [_{Conj(T)} CONJ] XP]]]

Para uma discussão desta questão veja-se Kayne (1994), Matos (1995), Johannessen (1998).

¹² Como um revisor observa, em (30) são coordenados dois constituintes categorialmente diferentes, um FocP e um TP. Porém, como abundantemente referido na literatura, nada obriga a que os constituintes coordenados apresentem exatamente a mesma natureza categorial. Para exemplos do Português europeu apresentando esta propriedade, veja-se, por exemplo Matos (2003), Matos e Raposo (2013).

¹³ Pensamos que é o que acontece no exemplo (i) que nos apresentou um dos revisores. Neste exemplo ocorre o marcador de focalização *é que*, que assumimos ocupar o núcleo da projeção de Foco, na periferia esquerda da frase.

(i) A Joana é que ou as fez ou está para fazer.

Pensamos que a próclise no primeiro termo coordenado é desencadeada por *é que*, uma vez que, como vimos, as conjunções são permeáveis ao escopo de um proclisador local externo à estrutura coordenada.

¹⁴ Neste caso, como vimos na nota 10, o marcador de coordenação inicial poderá encabeçar ou toda a estrutura de coordenação, (i), ou ser inserido em adjunção ao primeiro termo coordenado, (ii):

(i) [_{Conj(P)–T(P)} [_{Conj(T)} ou] [_{Conj(P)–T(P)} TP [_{Conj(T)} ou TP]]]
 (ii) [_{Conj(P)–T(P)} [_{T(P)} ou TP] [_{Conj(P)–T(P)} [_{Conj(T)} ou TP]]]

5. Próclise a longa distância na coordenação

Os exemplos seguintes ilustram aquilo a que chamámos próclise a longa distância na coordenação: a próclise ocorre no segundo termo da coordenação, após uma conjunção coordenativa não proclisadora, e, aparentemente, o proclisador ocorre no primeiro termo coordenado, (31), ou numa posição exterior à estrutura coordenada, (32):

- (31) a. *Ninguém* requisitou o livro *ou mo pediu* emprestado.
 b. *Qualquer pessoa* comete erros e *se arrepende* mais tarde.
- (32) a. *Talvez* o Pedro proteste mas a Ana te dê razão.
 b. Se tu pensares melhor e nós *lhe pedirmos* ajuda, ela não recusa.

Assumimos que, em (31), estamos perante construções com sujeito ATB. A extração simultânea do sujeito tem sido usada por diversos autores – veja-se Grimshaw (1992), McNally (1992), Heycock & Zamparelli (2000), Matos & Costa (2000), Zhang (2009), Bjorkman (2012), entre outros – para explicar a relação de correferência obrigatória que se estabelece entre os sujeitos, em estruturas de coordenação aditiva de constituintes oracionais. O tratamento de frases como as de (31) como instâncias de ATB permite, neste caso, adicionalmente, dar conta da próclise que se verifica no interior do segundo termo coordenado. Considerando apenas os aspetos relevantes da derivação, as frases de (31) podem ser representadas como em (33), onde “_” representa a cópia apagada:

- (33) a. [*Ninguém*_i [_{Conj(P)-T(P)} [_{TP} _i requisitou o livro] [_{Conj-T} *ou*] [_{TP} _i *mo pediu*...]]]
 b. [*Qualquer pessoa*_i [_{Conj(P)-T(P)} [_{TP} _i comete erros] [_{Conj-T} *e*] [_{TP} _i *se arrepende*...]]]

Em ambas as frases, o sujeito é extraído *across-the-board* de cada termo coordenado e tem escopo local sobre Conj(P), que é uma categoria não distinta de T(P), através de *Agree*, e legitima a próclise em ambos os termos coordenados, como se verifica em (34):

- (34) *Ninguém* o requisitou *ou mo pediu* emprestado.

Por outro lado, nos exemplos (32), o advérbio *talvez* e o complementador se têm escopo local sobre os TPs coordenados, que foram inseridos por *Merge* numa projeção funcional mais alta (CP no caso de se e o advérbio

modal *talvez*), dando origem a uma configuração do tipo *across-the-board*. O facto de afirmarmos que, em (32), estamos perante uma configuração do tipo ATB não significa forçosamente que a colocação do advérbio *talvez* na posição em que é soletrado resulta de movimento. Esta é uma questão que não desenvolvemos neste trabalho. Note-se, no entanto, que, para diversos autores – por exemplo, Matos (2000), Zhang (2004), Han (2008) –, ATB designa, antes de mais, um tipo de configuração sintática em que um constituinte estruturalmente mais alto estabelece uma relação de c-comando com ambos os termos de uma estrutura coordenada.

Assim, atribuímos a seguinte representação às frases de (32):

- (35) a. [[*Talvez*]_[Conj(P)-T(P)] [*O Pedro protesta*]_[T(P)]] [[*mas*]_[Conj-T] [*a Ana te dê razão*]_[T(P)]]
b. [[*Se*]_[CP-*Se*] [*tu pensares melhor*]_[T(P)]] [[*nós lhe pedirmos ajuda*]_[T(P)]]...]

A existência de c-comando local é particularmente evidente com *talvez*, dado que, no exemplo (35a), este advérbio modal induz o modo Conjuntivo em ambos os termos coordenados, e não apenas no primeiro, como seria de esperar se não tivesse escopo local sobre o segundo termo coordenado (cf. secção 6, exemplo (36b)). Por outro lado, o facto de o complementador e o advérbio ocuparem uma posição exterior a TP explica a ocorrência da próclise mesmo quando os termos coordenados têm sujeitos independentes, como em (35a) e (35b).

Em suma, a próclise a longa distância integra-se no padrão regular de legitimação local da próclise: o proclisador combina-se por *Merge* com ConjP e, tendo em conta a natureza subespecificada de Conj e a operação *Agree*, Conj e o segundo termo coordenado estão sob o escopo local do proclisador.

6. Opcionalidade da próclise a longa distância

Em certos casos, a próclise a longa distância alterna com a ênclise no segundo termo coordenado no PE padrão (cf. exemplos (36)-(39)):

- (36) a. *Talvez o Pedro protesta mas te dê razão.*
b. *Talvez o Pedro protesta mas dá-te razão.*
(37) a. *Qualquer pessoa comete erros e se arrepende mais tarde.*

- b. (?) Qualquer pessoa comete erros e *arrepende-se* mais tarde.
- (38) a. O Pedro acha que o João visitou a Maria *ou se despediu* dela pelo telefone.
- b. (?) O Pedro acha que o João visitou a Maria *ou despediu-se* dela pelo telefone.
- (39) a. Tu vais ao passeio porque acordaste tarde *mas te despachaste* a tempo.
- b. (?) Tu vais ao passeio porque acordaste tarde *mas despachaste-te* a tempo.

Recordemos que, quando o proclisador é estritamente local, a próclise é obrigatória. É o que se verifica quando a conjunção coordenativa é um proclisador, (40), ou quando o segundo termo coordenado inclui um proclisador local, tal como o complementador realizado *que* em (41):

- (40) a. A Ana *ora os visita ora lhes telefona*.
- b. *A Ana *ora os visita ora telefona-lhes*.
- (41) a. O Pedro acha que o João visitou a Maria e que *se despediu* dela pelo telefone.
- b. *O Pedro acha que o João visitou a Maria e *que despediu-se* dela pelo telefone.

No entanto, a ausência de um proclisador realizado local não explica a opcionalidade da próclise. Se um proclisador a longa distância induz a próclise, por que razão a ênclise é também possível? E, por outro lado, uma vez que a próclise a longa distância não é obrigatória, o que a torna possível?

A nossa proposta é que a alternância entre próclise a longa distância e ênclise no segundo termo coordenado decorre do nível estrutural da coordenação.

Considerando que o c-comando local é a relação estrutural relevante para a próclise, se o clítico for proclítico no segundo termo coordenado, este facto significa que o proclisador c-comanda localmente toda a estrutura coordenada, numa espécie de configuração *across the board*. Neste caso, o proclisador c-comanda localmente o clítico que ocorre no segundo termo coordenado, como mostrámos na secção anterior (representações (33)).

Quando o clítico que ocorre no segundo termo coordenado é enclítico, assumimos que a próclise não é desencadeada porque o proclisador

ocorre no interior do primeiro termo coordenado, numa posição que não lhe permite o c-comando local do clítico. Isto significa que, neste caso, a coordenação ocorre num nível estrutural mais alto.

Em frases com o advérbio modal *talvez*, devido ao facto de este advérbio induzir o modo Conjuntivo, vemos claramente que a próclise no segundo termo coordenado é desencadeada apenas quando *talvez* tem escopo local sobre esse termo¹⁵. Neste caso, ocorre necessariamente próclise e Conjuntivo em ambos os termos coordenados, (42). Assim, concluímos que, quando o verbo no segundo termo ocorre no Indicativo, *talvez* não o c-comanda (localmente), pelo que ocorre a ênclise, como se observa em (43).

- (42) a. Talvez o Pedro proteste mas te dê razão.
b. *Talvez o Pedro proteste mas dê-te razão.
- (43) a. Talvez o Pedro proteste mas dá-te razão.
b. *Talvez o Pedro proteste mas te dá razão.

Por outras palavras, propomos que as frases coordenadas com *talvez* no primeiro termo e ênclise e Indicativo no segundo termo envolvem a coordenação de projeções funcionais acima da projeção que integra o advérbio, como está ilustrado em (44), em que deixamos em aberto a natureza categorial dos termos coordenados:

- (44) [_{Conj(P)}[Talvez o Pedro proteste] [[_{Conj}mas][pro dá-te razão]]

Consequentemente, *talvez* apenas c-comanda localmente os elementos que ocorrem no interior do termo coordenado que o integra, i.e., o primeiro termo em (44).¹⁶

¹⁵ Note-se que a próclise sob o escopo local do advérbio modal *talvez* dificilmente pode ser atribuída à presença de um valor de focalização contrastiva, dado que é obrigatória independentemente do valor discursivo assumido por este advérbio. Assim, como nos fez notar um revisor, há contextos em que “*talvez* é meramente um marcador discursivo de delicadeza, como em *Talvez me possa dar o seu casaco para ficar mais à vontade.*” Efetivamente nestes contextos, prever-se-ia ênclise e não próclise.

¹⁶ Um revisor argumenta que a agramaticalidade de exemplos como (i) parece pôr em causa a análise que apresentamos:

(i) **Eu/ele disse que talvez o Pedro proteste mas te dá razão.*

Não consideramos que (i) contrarie a hipótese apresentada neste trabalho. Neste exemplo a coordenação opera ao nível das frases raiz (e não da frase subordinada selecionada por *disse*), uma vez que ambos os termos coordenados expressam asserções do locutor. Assumindo que a alternância entre próclise e ênclise no segundo termo coordenado decorre de uma variação respeitante à posição estrutural ocupada pelo proclisador relativamente à coordenação, a ocorrência de próclise no segundo termo em (i) mostra que, neste caso, ambos os proclisadores – o complementador *que* e o advérbio *talvez* – ocupam uma posição que não lhes permite o c-comando local do segundo termo coordenado, pelo que o clítico será necessariamente enclítico, como em (ii), para o qual propomos a representação estrutural em (iii), deixando em aberto se a coordenação opera ao nível dos CP ou dos TP das frases raiz:

Uma análise semelhante pode ser proposta para exemplos como (38b), como está ilustrado em (45):

(45) [_{Conj(P)–T(P)} [_{TP} *Qualquer pessoa comete erros*] [_{Conj–T e}] [_{T(P)} *pro arrepende-se...*]]

Em (45), assumimos que a coordenação ocorre ao nível do TP. Numa configuração como (45), o sujeito do primeiro termo coordenado não foi extraído *across-the-board* e ocorre no interior do primeiro termo coordenado. Assim, o sujeito omitido do segundo termo coordenado é ocupado por *pro*.

Note-se que a impossibilidade de o sujeito do segundo termo coordenado ser ocupada por um pronome realizado com valor referencial (cf. (46)), mostra que a expressão quantificada *qualquer pessoa* liga o sujeito nulo (*pro*) no segundo termo coordenado:

(47) *Qualquer pessoa_i comete erros e {*ela_i/pro_i} arrepende-se.*

Com efeito, estes efeitos de ligação são paralelos aos apresentados em Montalbetti (1984),(1986) relativamente a orações completivas complemento, ilustradas em (47) para o PE¹⁷:

(47) *Qualquer pessoa pensa que pro/*ela pode errar.*

A leitura de pronome ligado requer c-comando, mas não requer c-comando estritamente local¹⁸. Assumimos, pois, que tanto nas frases coordenadas em (37b)-(45) como na estrutura de subordinação em (47), a expressão quantificada c-comanda o segundo termo frásico, mas que esse c-comando não é estritamente local¹⁹.

(ii) *Eu/ele disse que talvez o Pedro proteste mas dá-te razão.*

(iii) [_{ConjP–CP/TP} [_{CP/TP} *eu/ele disse*] [_{CP} *que talvez o Pedro proteste*]] [_{Conj} *mas*] [_{CP/TP} *dá-te razão*]].

¹⁷ Montalbetti (1986) apresenta para o espanhol exemplos como o seguinte, em que a expressão quantificada exhibe algum conteúdo referencial, o que lhe permite ter, a par da leitura de pronome ligado em (i), a leitura de correferência ou de referência disjunta em (ii):

Muchos estudiantes, piensan que pro_i son inteligentes.

Muchos estudiantes_i piensan que ellos_i son inteligentes.

¹⁸ Note-se que a existência de c-comando (não local) do sujeito do primeiro termo coordenado (o elemento mais externo) sobre o segundo termo é uma consequência da natureza subespecificada de Conj e da operação Agree. Como representado esquematicamente em (i), a estrutura coordenada (ConjP=TP) é interpretada como um segmento do TP correspondente ao primeiro termo e ambos os segmentos contam como uma única categoria; assim, torna-se legítimo o c-comando do sujeito sobre o segundo termo coordenado.

(i) [_{Conj(P)–T(P)} [_{TP} *QP...*]] [_{Conj–T e}] [_{T(P)} *pro...*]]

¹⁹ Existe alguma variação no que diz respeito à realização de próclise na presença de certos proclisadores. No entanto, esta variação não se verifica relativamente a todos os proclisadores, nem se verifica sempre na mesma medida. A razão pela qual não nos parece suficiente atribuir a alternância registada em (37) a esta variação é que, neste caso, o proclisador obriga efetivamente à próclise, como podemos ver pela agramaticalidade dos seguintes exemplos: Conj = T_e

Assim, a presença de ênclise nos exemplos (37b)-(45) é explicável: o clítico, no segundo termo coordenado, não é localmente c-comandado pela expressão quantificada. Do mesmo modo, a alternância entre próclise em (37a) e ênclise (37b) é esperada: em (37) a expressão quantificada é extraída *across-the-board* e inserida por *Merge*, numa posição estritamente local a ambos os termos coordenados (veja-se (31b)-(33b)); pelo contrário, em (37b), a expressão quantificada é interna ao primeiro termo coordenado e não c-comanda de forma estritamente local o segundo termo da coordenação.

Um argumento adicional que suporta esta análise é o facto de a próclise a longa distância ser possível apenas quando o sujeito é partilhado pelos dois termos coordenados, como se pode ver pelo contraste em (48) (note-se que, em PE, *algumas* não é um proclisador), o que mostra que a próclise a longa distância e a ênclise no segundo termo coordenado decorrem de configurações estruturais diferentes:

- (48) a. Qualquer pessoa comete erros e se arrepende mais tarde.
b. *Qualquer pessoa comete erros e algumas pessoas se arrependem mais tarde.
c. Qualquer pessoa comete erros e algumas pessoas arrependem-se mais tarde.

A presença de ênclise em (38b) ou (39b), repetidos em (49), pode igualmente ser explicada assumindo que a coordenação ocorreu num nível mais alto do que o domínio de c-comando estritamente local do complementador. Assim, propomos que nestes casos há coordenação de CPs, o complementador realizado ocorre interno ao primeiro termo coordenado e o C do segundo termo é instanciado por um complementador nulo, como representado em (50):

- (49) a. (?) O Pedro acha que o João visitou a Maria *ou despediu-se* dela pelo telefone.
b. (?) Tu vais ao passeio porque acordaste tarde *mas despachaste-te* a tempo.
(50) ...V [_{ConjP}-C_(P)] [_{C_(P)}C__{realizado} TP] [[Conj=C] [_{C_(P)}C__{nulo} TP]]

*Qualquer pessoa arrepende-se dos seus erros.

*Qualquer pessoa ajuda-te no trabalho.

*Qualquer pessoa faz-te esse favor.

Assim, em (37), a ênclise no segundo termo coordenado mostra a ausência de c-comando por parte do proclisador.

Nestes casos, o C realizado no primeiro termo coordenado não c-comanda localmente o segundo termo, o que explica a possibilidade de ênclise.

Em suma, a alternância entre próclise e ênclise nos exemplos (36)-(39) pode ser explicada tendo em conta o nível a que opera a coordenação, que poderá permitir ou impedir o c-comando local do proclisador sobre o segundo termo coordenado. O facto de alguns falantes não aceitarem plenamente as frases com ênclise no segundo termo coordenado (cf. (36b), (37b), (38b) e (39b)) pode ser visto como uma preferência geral por configurações *across-the-board*, que, na realidade, é uma preferência pela economia (veja-se, por exemplo Nunes 2004, Colaço 2005 e 2006).

Apesar de a análise que propusemos para a alternância entre a próclise a longa distância e a ênclise no segundo termo coordenado, alguns casos ficam por explicar. Na verdade, alguns proclisadores admitem a ênclise, mesmo quando c-comandam localmente o clítico, como acontece em(51b):

(51) a. O Pedro disse que [_{ConjP} o João a viu e a achou pálda].

b. O Pedro disse que [_{ConjP} o João viu-a e achou-a pálda].

A alternância que se observa em (51) restringe-se a alguns proclisadores e não está relacionada especificamente com a coordenação (cf. Martins 2013), como se pode ver em (52):

(52) a. O João disse que ontem a Maria se cansou muito.

b. O João disse que ontem a Maria cansou-se muito.

Este fenómeno pode ser encarado como o reflexo de uma tendência geral para o padrão enclítico em contextos típicos de próclise que se verifica atualmente em PE. Por este motivo, deverá ser tratado como um fenómeno independente, fora do alcance do presente artigo.

7. Conclusões

O presente artigo centrou-se na questão dos padrões de colocação dos clíticos em construções que envolvem estruturas de coordenação oracional, com especial destaque para aquelas em que as conjunções coordenativas funcionam como proclisadores. A análise proposta assenta na ideia de que, nestes casos, a indução de próclise decorre do valor semântico ou discursivo das referidas conjunções. Assumindo que a relação estrutural relevante para

a próclise é o c-comando local, propusemos um tratamento uniforme deste padrão de colocação dos clítics, que integra os contextos em que ocorre aquilo a que chamámos próclise a longa distância – ou seja, próclise no segundo termo coordenado desencadeada por um proclisador que ocorre externamente a esse termo–, partindo da consideração das propriedades de Conj enquanto categoria subespecificada. De acordo com a nossa proposta, a possível alternância entre próclise a longa distância e ênclise no segundo termo coordenado, que se verifica nas construções referidas, decorre do nível estrutural da coordenação, responsável pela possibilidade vs. impossibilidade de c-comando local do proclisador sobre o segundo termo coordenado.

REFERÊNCIAS

- Bjorkman, B. 2012. Accounting for the Absence of Coreferential Subjects in TP Coordination. Handout apresentado no GLOW 36, Suécia.
- Burton, S. & J. Grimshaw 1992. Coordination and VP-internal subject. *Linguistic Inquiry*, 23: 305-313.
- Colaço, M. 1998. Concordância parcial em estruturas coordenadas em Português europeu. In: A. C. Lopes & C. Martins (Eds.). *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, vol. I, 349-368.
- Colaço, M. 2005. *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extracção*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Colaço, M. 2006. Omissão de material idêntico em estruturas coordenadas. In: M. Lobo, & M. A. Coutinho (Eds). *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 261-272.
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Cunha, C. & Cintra, L. F. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Duarte, I. 1983. Variação paramétrica e ordem dos clítics. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa: FLUL, 158-178.
- Duarte, I. & Matos, G. 1995. A colocação dos clítics em Português Europeu e a hipótese minimalista. In: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, 1994*, Lisboa: APL, 177-193.
- Duarte, I. & Matos, G. 2000. Romance Clitics and the Minimalist Program. In: J. Costa, (Ed.) *Portuguese Syntax—New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 116-142.

- Duarte, I., Matos, G. & Gonçalves, A. 2005. Pronominal clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2). Lisboa: Edições Colibri, AEJPL, 113-141.
- Han, S. 2008. *Ellipsis, Right Node Raising and Across-the-Board Movement*. PhD dissertation. Boston University.
- Heycock, C. & R. Zamparelli (2000). Friends and Colleagues: Plurality and NP-Coordination. *Proceedings of the North East Linguistic Society* 30.
- Johannessen, J. 1998. *Coordination*. Oxford: Oxford University Press.
- Kayne, R. 1994. *Asymmetric Syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Lobo, M. 2002. Para uma Sintaxe das Orações Causais do Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da APL, 2001*. Lisboa: APL.
- Lobo, M. 2003. *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*, Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Martins, A. M. 2013. Posição dos pronomes pessoais clíticos. In: E. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes (Eds.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Matos, G. 1995. Estruturas binárias e monocêntricas em sintaxe—algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas. *Actas do X Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, Colibri, 177-193.
- Matos, G. 1997. Configurações Sintáticas em Estruturas de Colocação Simultânea de Clítico. In: A. M. Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo (Eds.) *Sentido que a Vida Faz — Homenagem a Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras Editores SA, 705-717.
- Matos, G. 2000. ATB Clitic Placement in Romance Languages. *Probus* 12:2, Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 229-259.
- Matos, G. 2003. Estruturas de coordenação. In: M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 229-259.
- Matos, G. 2004. Coordenação Frásica vs. subordinação adverbial. In: T. Freitas & A. Mendes (Eds.) *Actas do XIX Encontro Nacional da APL, 2003*. Lisboa: APL, 555-299.
- Matos, G. 2006. Coordination de phrases vs. subordination adverbiale: propositions causales en portugais. *Faits de Langue – Revue de Linguistique*, 28. Paris: Ophrys, 169-180.
- Matos, G. & Colaço, M. 2013. Padrões de colocação de clíticos em coordenação frásica. Comunicação apresentada ao *XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, 23-25 de Outubro.
- Matos, G. & Raposo, E. P. 2013. Estruturas de coordenação. In: E. P. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes (Eds.) *Gramática do Português*, vol. II, cap. 35. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1761-1817.
- McNally, L. 1992. VP-Coordination and the VP-Internal Subject Hypothesis. *Linguistic Inquiry*, 23: 336-341.
- Montalbetti, M. 1984. *After Binding*. PhD Dissertation. MIT.

- Montalbetti, M. 1986. How pro is it? In: O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (Eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht/Riverton: Foris Publications, 137-152.
- Nunes, J. 2004. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Sánchez López, C. 1995. On the distributive readings of coordinate phrases. *Probus* 7: 181-196.
- Sánchez López, C. 1999. Los cuantificadores. In: Bosque, I. & V. Demonte (Eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Schlonsky, U. 2004. Enclisis and Proclisis. In: L. Rizzi (Ed.) *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2, Oxford: Oxford University Press, 329-353.
- Terzi, A. 1999. Clitic combinations, their hosts and their ordering. *Natural Language and Linguistic Theory*, 17(1), 85-121.
- Uriagereka, J. 1995. Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry*, 26(1): 79-123.
- Zhang, N. 2004. Against Across-the-Board Movement. *Concentric: Studies in Linguistics*, 30(2): 151-85.
- Zhang, N. 2009. The syntax of *same* and ATB constructions. *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de Linguistique* 54(2): 367-399.

